

O DESTINO DA INTERNET: ANÁLISE FILOSÓFICA DO CIBERESPAÇO

Edson Sá dos Reis¹

RESUMO: A análise do fenômeno da internet se torna necessária quando esta se faz presente no panorama político mundial. Buscamos no escrito que se segue, uma análise da internet sob a categoria filosófica de *destino* (*Schiksal*) como apresentada por Lima Vaz em seu artigo *A metafísica na modernidade*. Pretendemos assim demonstrar o desenrolar histórico da rede como determinante de seu destino que percorre a atualidade como espionagem e armazenamento em massa de dados, não contrariando sua determinação como arma de guerra. Nossa chave de leitura corrobora com as pesquisas e análises de Julian Assange e seus companheiros *Cypherpunks*. Dessa maneira, pretendemos desvelar o fenômeno da internet lendo-o a partir da categoria de destino e apresentar uma perspectiva de saída desse destino.

PALAVRAS-CHAVE: Internet, Destino, Cypherpunks, Guerra.

THE FATE OF THE INTERNET: PHILOSOPHICAL ANALYSIS OF THE CYBERSPACE

ABSTRACT: The internet analysis phenomenon becomes necessary when it comes to being part of the world political panorama. Our goal in this article is to analyze the internet under the philosophical category of fate (*Schiksal*) as presented by Lima Vaz in his article "Metaphysic in modernity". We

¹ Estudante do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.

intend to demonstrate the historical Evolution of the internet as a determinant of its fate, which runs through the present days as espionage and mass storage of data and as a weapon of war. Our reading key corroborates Julian Assange's research and analysis as well with his fellows Cypherpunks. This way, we intend to unveil the phenomenon of the internet by reading it from the category of fate and present a perspective of exit from it.

KEYWORDS: Internet, Fate, Cypherpunks, War.

BREVE APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Buscamos delinear neste texto, a apresentação de um problema novo e ainda pouco abarcado por vias filosóficas. Propomos pensar o ciberespaço em suas considerações políticas, buscando determina-las pelo acontecimento de seu nascimento. Operaremos pela desterritorialização de um conceito usado por Lima Vaz em seu texto *A metafísica na modernidade*, qual seja, o conceito de *destino*, para ousar uma leitura determinante da internet como arma de guerra e controle. Tal fato culmina, a nosso ver, na falência do conceito de político, partindo da negação da liberdade e privacidade dos cidadãos.

Desta feita, procuraremos em um primeiro momento definir o conceito de destino à qual nos referimos e, partindo deste, faremos uma exposição acerca das condições de nascimento do primeiro protótipo da internet, o *Arpanet* (1969), considerando o objetivo determinante de sua criação, uma tecnologia voltada para o auxílio da guerra entre países. Sendo uma arma que possibilita o envio de informações rapidamente permitindo antecipar os passos inimigos. Assim, não buscaremos uma visão otimista acerca do ciberespaço, como a leitura de Pierre Lévy, antes, nos contrapomos a ela, ainda que aceitando suas potencialidades futuras.

No segundo momento, procuramos delinear alguns fatos denunciados sobre os abusos que atentam contra a liberdade e privacidade dos indivíduos, feitos por governos e empresas. Tais denúncias, feitas pelo movimento *Cypherpunk*, tendo como representante Juliana Assange, e pelo ex-analista de sistemas da CIA, Edward Snowden, contribuem para provar que o espaço virtual nunca deixou de ser uma arma bélica, mas apenas expandiu seu horizonte de uso, agora massificado.

A última parte de nosso texto buscará traçar um horizonte de solução onde as categorias do político podem ser resguardada. A criptografia apontada pelos hackers citados, poderá, segundo nossos autores, ser uma arma contra a espionagem e massificação de informações perpetradas pelos governos e empresas. Modo pelo qual os cypherpunks buscam resolver o problema da vigilância e controle pela internet, abrindo um espaço de privacidade e liberdade na rede.

1. O NASCIMENTO DA INTERNET E SEU DESTINO

O estabelecimento da internet como ferramenta de uso comum na atualidade abre espaços de reflexões necessários, tendo amplos horizontes que desafiam a racionalidade filosófica. Pensar o ciberespaço e suas implicações políticas, em um mundo a cada dia mais informatizado, apresenta-se como essencial. Os impactos reais são visíveis e as vias de abordagem são múltiplas, tornando a análise complexa. Não podemos abordar o fenômeno ciberespacial de maneira ingênua, pensado na internet como ferramenta de emancipação em si mesma, para tal, seu uso, pelos usuários e as instâncias de poder, estatal ou privado, deve entrar em foco. Ademais, não podemos analisar de forma puramente pessimista, o que implica mais uma vez em seu uso. Nos importa, no entanto, traçar um dado *destino* (*Schiksal*)² da internet. Logo, o desdobramento do ciberespaço como dispositivo de vigilância e controle como apontado por inúmeros hackers. Apesar da escolha pessimista do fenômeno, buscaremos não seguir apenas esta perspectiva, mas também suas condições para possibilidades emancipatórias, condicionadas por lutas políticas.

O destino deve ser compreendido como o desenrolar de uma sequência histórica, portanto, como *fatum*, no sentido do que foi feito do ciberespaço desde o seu nascimento. Dessa maneira, não compreendemos a categoria de destino como um acontecer cego, mas como percurso histórico como determinante que condiciona sua utilização em nossos dias. Partindo dessa consideração, é preciso revelar o motivo pelo qual a estrutura de informações rápidas foi desenvolvida, pois tal acontecimento aparece-nos como determinante no papel da rede no mundo.

Após os acontecimentos das guerras mundiais, com a polarização do mundo entre Estados Unidos da América e União Soviética, originando a Guerra Fria, a necessidade de transmissão de informações rápidas e seguras, tornou-se essencial para defesa das nações que lutavam pelo poder sobre o mundo. O globo entrava, nesta perspectiva, na era da informação. Em 1969 surge o protótipo do que hoje conhecemos como internet, chamada de *Arpanet* e desenvolvida pelos norte-americanos. Sendo apresentada pela empresa *Advanced Research and Projects Agency* (ARPA), Possuía como objetivo a manutenção da comunicação entre bases militares em diversos pontos do

² A noção de destino que seguimos, é apresentada no artigo de Lima Vaz, *A metafísica na modernidade*: "A categoria de destino (*Schiksal*) deve ser aqui entendida não no sentido de um cego acontecer, mas de uma "fatal" (de *fatum*) sequência histórica (*Geschik*) que advém necessariamente como desdobramento "historial" (*geschichtlich*) de um desdobramento (...) do qual procede justamente o curso de um destino escrito no tempo de uma história." VAZ, H. C. de Lima. *A metafísica na modernidade*; In: in *Escritos de Filosofia III: filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997, P. 343

mundo, constituindo assim uma rede de dados informacionais como estratégias e comandos de guerra.

Neste marco, a criação de uma rede virtual para manutenção de comunicação é pensada como arma de guerra para proteção do estado Norte Americano. Concebida como vantagem militar sobre outros países inimigos. Assim, a configuração da Arpanet tornou significativamente maior a possibilidade de garantir a mais valiosa arma, a informação. Dando abertura àquilo que conhecemos como a era da informação. Tal perspectiva demonstra sua força e sentido, no desejo de manter-se à frente dos países inimigos. De forma a garantir contra-ataques precisos caso surja necessidade.

Inicialmente, seu uso era exclusivo ao Departamento de Defesa norte americano, a partir de 1982, o projeto pôde ser usado por instituições acadêmicas e científicas. O uso comercial desta estrutura foi liberado a partir de 1987 nos Estados Unidos. A *World Wide Web (WWW)* surge em 1989, expandido as funcionalidades da rede e dando início à internet que conhecemos hoje. Assim, o que inicialmente surgiu como arma de guerra, populariza-se e torna-se parte da vida cotidiana dos cidadãos comuns, lançando uma perspectiva vitalista da cultura, como apresentada por Pierre Lévy.

Em curto ensaio intitulado *Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura* e publicado em 1997, o francês Pierre Lévy, apresenta algumas perspectivas otimistas para o futuro do homem com a popularização e massificação da rede mundial de computadores (World Wide Web). Para o escritor, tal fenômeno tecnológico, impulsionaria a vitalidade da cultura humana, suprimindo espaço e tempo com o estreitamento das relações humanas e tecnológicas. Em tom premonitório, nos diz o autor:

[...] Em pouco tempo, teremos todos nosso site web. Em alguns anos, imprimiremos nos coletivos humanos nossas memórias, nossos projetos e nossas visões sobre a forma de avatares, ou de anjos numéricos que dialogarão no ciberespaço. Cada indivíduo, cada grupo, cada forma de vida, cada objeto se tornará seu automédium, seu próprio emissor de dados e de interpretações em um espaço de comunicação onde a transparência e a riqueza se opõem e se estimulam.³

Lévy prenuncia o estreitamento das relações humanas, dado pelo advento do ciberespaço com vistas otimistas e entusiastas. Em nosso tempo, os *anjos numéricos* são apresentados na forma de perfis e habitam o espaço virtual se movendo pelas redes sociais, veículos de compartilhamento de conversas, informações, imagens, e toda gama de fatores da vida cotidiana, agora acessada e acompanhada por telas que cabem em nossos bolsos. Cada indivíduo possui atualmente uma ou várias redes sociais, *Facebook, Instagram, WhatsApp* para citar as principais e mais populares

³ LÉVY, Pierre. *Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 13

atualmente. Estas facilitam o acesso da rede para as pessoas e demonstram um potencial informacional imenso, de modo que inseriram-se na cultura e a modificaram, o que demonstra a validade da assertiva de Pierre Lévy de 1997.

Apesar de assertivo, o entusiasmo do autor não parece corresponder ao destino, compreendido por nós como determinação histórica do uso do ciberespaço, traçado do fim do século XX até a atualidade. Grande parte do ânimo otimista sobre a modificação das relações humanas, para uma suposta vitalidade da cultura e crescimento da individualidade e da transparência, desaparece quando governos e grandes corporações exercem controle ilimitado sobre o espaço virtual. Frente ao processo de dominação da internet pelos governos, principalmente pelo estado Norte-Americano, o ciberespaço se torna um perigo para todas as populações do mundo. Sob essas perspectivas, buscaremos um contraponto sobre o entusiasmo com a tecnologia virtual.

A análise do autor francês, centra-se nos fenômenos visíveis que se expressam na superfície e, no entanto, não consegue chegar a análise da determinação primeira do ciberespaço. Tal determinação só pode ser vista, quando contemplamos o nascimento da internet como parte de um arsenal de guerra, fato que nos permite traçar seu percurso histórico até a atualidade. Pois seu caráter bélico, não desapareceu, mesmo com a grande popularização e adesão mundial ao ciberespaço, pelo contrário, foi fortalecido enquanto ferramenta de controle, possibilitando a monitoração em massa das informações de todos os cidadãos e países do mundo. Nosso objetivo se revela exatamente nesse fato, a criação da internet é bélica, o que determina sua trajetória histórica até a atualidade como facilitadora do sistema totalitário. A compreensão do motivo de seu nascimento determina seu desenrolar histórico, é o que entendemos por destino. Significa dizer que o ciberespaço foi concebido com uma destinação específica, e seu uso, desde então, não traiu tal destinação.

As análises dos integrantes do movimento *cypherpunk*, comprovam o uso da internet como ferramenta de controle em massa. De ferramenta emancipatória que poderia vitalizar a cultura, como acreditou Pierre Lévy, talvez por desconhecer o objetivo de sua criação, ela passa a ser, agora, um dos grandes facilitadores do totalitarismo, logo, um perigo para humanidade.

2. INTERNET E VIGILÂNCIA: ARMAZENAMENTO EM MASSA DE INFORMAÇÕES

Em introdução ao livro, *Cypherpunks: Liberdade e o futuro da internet*, o criador da plataforma de denúncias Wikileaks, Julian Assange, abre a obra com um aviso:

O mundo não está deslizando, mas avançando a passos largos na direção de uma distopia transnacional. Esse fato não tem sido reconhecido de maneira adequada fora dos círculos de segurança nacional. Antes, tem sido encoberto pelo sigilo, pela complexidade e pela escala. A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça à civilização humana.⁴

Vivemos rumo a uma distopia transnacional onde estamos em constante vigilância por parte de governos e corporações que possuem o controle da internet. O deslizar do mundo para esse acontecimento ocorre, segundo Assange, a passos largos, sua possibilidade se encontra na falta de reconhecimento fora dos círculos de segurança nacional, ou seja, é encoberto propositalmente pelo sigilo, a complexidade e a escala em que acontece. As informações acerca desse acontecimento não chegam a maioria da população e, mesmo que chegue, as complexidades dessas informações ainda constituem uma barreira para compreensão da gravidade do problema. Esse alerta nos dá pistas de como a internet tem sido usada como dispositivo de controle em massa. No entanto, a distopia, segundo observamos, não está para acontecer, acontece nesse exato momento. A posição teórica de Assange é preciosa para nosso intento de demonstrar que como arma de guerra, a internet é facilitadora do totalitarismo.

Trata-se da continuação do processo militar. Agora, espalhado mundialmente de forma a aperfeiçoar os modos de vigilância protegendo o *status quo*. De que maneira isso acontece? É o que a obra de Assange propõe explicar. O fenômeno de maior comunicação entre os indivíduos, segundo Assange, é contraposto por uma maior vigilância. Como fenômeno comum, em que todas as pessoas estão imersas, o ciberespaço se torna um modo de transmissão de informações não apenas para os governos, mas também entre os indivíduos. Pois as pessoas divulgam na rede, suas ideias políticas, relações familiares e de amizade tornando pública sua vida privada colaborando servilmente, talvez sem seu conhecimento ou consentimento, ao panorama de vigilância global. Ao passo que esta suposta liberdade cresce, torna-se mais fácil o acesso dos governos a vida íntima de seus cidadãos. Mas não apenas os governos, as empresas privadas também possuem esse acesso. Nesta perspectiva, traçam perfis de mercado e controlam as escolhas de compra, padronizadas pelos filtros virtuais a que são submetidas sem percepção consciente.

⁴ ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: liberdade e futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 24

As observações precedentes não são, de modo algum, novas, tendo em vista a quantidade de críticas que apontam para malefícios das redes sócias na vida dos internautas. No entanto, pensar sobre essas questões, apresentando-as, leva-nos a questões mais sérias. Por exemplo, a falência de conceitos tão caros a filosofia, como o próprio conceito de político, cidadão, dependentes na sociedade civil burguesa, de categorias como privacidade e liberdade. O que se revela em meio a todo o esquema do livro de Assange, é que, a internet enquanto meio de controle dos estados e das empresas sobre os cidadãos, cerceia a posição das massas no mundo, retira-lhes a liberdade de ação na padronização das escolhas e destrói a privacidade com o aumento da vigilância. Revelando o controle total nas mãos de poucos e a castração da liberdade de muitos.

Corroborando com nossa visão, o filósofo italiano, Giorgio Agamben, em seu artigo *Como a obsessão por segurança muda a democracia*, onde o filósofo analisa a queda do político como uma das consequências da obsessão pela segurança nos estados pós guerra, até os nossos dias. Torna-se interessante para nosso texto, à medida que delineamos o nascimento da internet, com o Arpanet, como produto da situação da segurança na guerra fria. Assim, nos diz Agamben:

Um espaço videovigiado não é mais uma ágora, não tem mais nenhuma característica pública; é uma zona cinzenta entre o público e o privado, a prisão e o fórum. Tal transformação tem uma multiplicidade de causas, entre as quais o desvio do poder moderno em relação à biopolítica ocupa lugar especial: trata-se de governar a vida biológica dos indivíduos (saúde, fecundidade, sexualidade etc.), e não mais apenas exercer uma soberania sobre o território.⁵

Trata-se exatamente de uma das conclusões que se pode retirar do livro de Assange em escala mais expressiva, para não dizermos monstruosa. Enquanto Agamben narra o desaparecimento da categoria da vida pública, a falência do conceito de político, cujo espaço de ação se daria no espaço público, agora inexistente. Assange narra, partindo da internet como meio de controle, o desaparecimento da vida privada, pois cada computador, smartphone são dispositivos de cooptação de informações privadas sobre os indivíduos. Ambos demonstram que tanto a categoria política, quanto a privada, ou seja, o modo de vida humano como conhecemos, sofrem a influência do controle total. Sob tais perspectivas, os apontamentos óbvios acerca da internet ganham configuração de problemas urgentes a serem pensados.

⁵ AGANBEM, Giorgio. *Uma cidadania reduzida a dados biométricos. Como a obsessão por segurando muda a democracia*. 2014. Disponível em: << <http://diplomatie.org.br/como-a-obsessao-por-seguranca-muda-a-democracia/> >> Acesso em catorze de agosto de 2017.

O controle total a que o espaço virtual é submetido, é possível graças a centralização e detenção da estrutura física que possibilita o acesso à rede. Quem detém os meios físicos da internet, detém o controle sobre ela. A centralização dos meios físicos da rede atualmente é de monopólio das grandes empresas e governos. Costuma-se pensar que o ciberespaço é algo não físico, ou para além deste, sem um suporte físico que o faça funcionar. Tal interpretação, nos lembra as leituras chulas sobre metafísica, onde um mundo metafísico se apresenta independente do nosso. Não podemos pensar de tal forma sobre a internet. Seu funcionamento depende de uma grande estrutura física para que seu uso seja possível. Cabos de fibra ópticas e máquinas de servidores são estruturas essenciais para manutenção da rede. Deter esses meios, é deter o controle do fluxo de informação que passam pelos cabos e são armazenados nos servidores das empresas.

Daí surge a pergunta, o que são feitos desses dados? De que modo são usados? E quem tem acesso a eles? Sabe-se que nada é totalmente deletado da rede. Mesmo uma conversa privada, por meio de e-mail, Facebook, *Skype*, é armazenada nos servidores dessas empresas. De modo que a privacidade é mera ilusão, pois não se sabe do que é feito de seu dados armazenados, quais seus usos, quem detém essas informações e o que elas dizem sobre você. Ademais, desde 2001, depois do ataque ao World Trade Center, nos Estados Unidos, os governos tomaram como posicionamento uma série de demandas de segurança para se protegerem do terrorismo. O que serviu como justificativa para que a segurança fosse posta acima da privacidade dos cidadãos. Essa série de demandas podem ser usadas para violarem o contrato de privacidade que as empresas tem com seus clientes. Os Estados Unidos, por exemplo, possuem acesso direto aos servidores do *Google* e Facebook⁶.

Por essa estrutura centralizada em determinados países, o acesso dos governos as informações privilegiadas são mais fáceis de serem realizados. Não se trata apenas de monitoramento via servidores. O *Ato Patriótico (Patriot Act)*⁷ adotado após o ataque as Torres Gêmeas, garante toda legitimidade em ações contra a privacidade de cidadãos nos Estados Unidos

⁶ Essa informação pode ser checada no link: << <https://www.cartacapital.com.br/internacional/eua-tem-acesso-direto-aos-servidores-de-google-facebook-e-apple-diz-jornal-5976.html> >> As 18:30 do dia 12/08/2017

⁷ "O Ato Patriótico é um pacote legislativo aprovado pelo Congresso americano no auge do clamor anti-terrorista, 45 dias após os atentados às Torres Gêmeas de 11 de setembro de 2001, sem nenhuma consulta à população. O significado da expressão Patriotic (Provide Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism) explica a intenção do governo Bush: gerar ferramentas necessárias para interceptar e obstruir atos de terrorismo." Disponível em << http://www.conjur.com.br/2007-mar-12/eua_acusa_fbi_usar_ilegalmente_lei_terrorismo >> dia 12/08/2017 as 18:35

e no mundo. Pondo a segurança acima da privacidade e da liberdade dos indivíduos. Tal ato é ovacionado por muitos, sem a perspectiva dos abusos os quais ele dá margem.

Os abusos foram evidenciados em denúncias que tiveram repercussão no mundo inteiro. Os exemplos mais corriqueiros e de grande repercussão, são a plataforma Wikileaks⁸, criada por Julian Assange e a denúncia do ex-analista de sistemas da CIA, Edward Snowden⁹. Ambos foram e são, figuras centrais de denúncias sobre a espionagem praticada pelos órgãos governamentais e privados, possíveis graças ao armazenamento de dados em massa. Em 2010, o Wikileaks divulgou milhares de documentos oficiais do governo dos Estados Unidos, comprovando sua prática de espionagem em massa. Pondo a organização e seus representantes sob vigilância constante desde então. Em 2013, Edward Snowden revelou ser autor do vazamento de informações confidenciais dos Estados Unidos, incluindo o mais importante, a existência e funcionamento do programa de espionagem em massa, o PRISM¹⁰ iniciado em 2007. O programa tinha como tarefa recolher informações de alvos dos E.U.A no mundo inteiro, incluindo gabinetes de presidência e órgãos importantes da União Europeia.

Compreender a estruturação física dos servidores determinados a espaços geográficos e sua centralização quase que unanimemente nos Estados Unidos, esclarece a nós, o funcionamento bem sucedido dos projetos de espionagem, pois seus pontos geográficos são essenciais para manutenção de tais projetos. São bilhões de informações registradas todos os dias e gravadas, por tempo indefinido e desconhecido para a maioria, nos servidores de todas as empresas que prestam serviços de internet. Dessa maneira, o anúncio citado no início desta parte do texto, encontra seu sentido. A

⁸ O Wikileaks é uma organização fundada em 2006 por Julian Assange. Se constitui como uma plataforma de divulgação de dados mantendo o anonimato de quem os envia. Publica dados confidenciais de empresas e governos. É interessante notar que o Wikileaks recebe os dados de pessoas incorporadas nas instituições. Geralmente são denúncias com provas de atos eticamente questionáveis, quando não, criminosos. A garantia de que o denunciante se manterá anônimo é um dos motivos pelos quais o Wikileaks recebe milhões de documentos para divulgação.

Para mais informações indicamos os dois livros de autoria de Assange: *Cypherpunks: o destino e o futuro da internet* e *Quando o Google encontrou o Wikileaks*. Ambos possuem um dossiê completo sobre o que é o Wikileaks e suas ações no mundo.

⁹ Snowden é ex-técnico de segurança da CIA, é acusado de espionagem por vazar informações sigilosas de segurança dos Estados Unidos e revelar em detalhes alguns dos programas de vigilância que o país usa para espionar a população americana – utilizando servidores de empresas como Google, Apple e Facebook – e vários países da Europa e da América Latina, entre eles o Brasil, inclusive fazendo o monitoramento de conversas da presidente Dilma Rousseff com seus principais assessores. Para mais informações consultar: << <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>> Para compreensão mínima do problema.

¹⁰ Para melhor compreensão do caso:

<<http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/07/12/interna_internacional,421717/as-principais-revelacoes-de-edward-snowden.shtml>> acesso em 13/08/2017

internet se constitui como perigo para humanidade, no entanto, o horizonte de possibilidade desse perigo, é condicionado ao monopólio de determinados planos de controle. Ora, esse perigo compromete a própria categoria do político, que entra em declínio com a mudança de paradigma de defesa dos estados contemporâneos. Instaura-se um estado de controle nunca antes visto, onde cada indivíduo é vigiado até mesmo na esfera privada, ou seja, dentro de sua própria casa.

Sob essa configuração, a reflexão sobre o ciberespaço enquanto ferramenta de dominação ganha lugar de destaque para o pensamento filosófico. Desta maneira, compreende-se que o seu nascimento, a Arpanet em 1969, empreende o destino, compreendido como categoria de sequências históricas e factuais que levam a internet a ser uma arma de guerra contra a liberdade e a privacidade, tornando-a perigoso facilitador do totalitarismo. Ora, apesar de extremamente útil no cotidiano, encontrar o seu traço de criação, ou seja, ferramenta criada para guerra, desvela sua determinação que continua até os dias de hoje. Armazenar informações e controlar as situações partindo dessas informações. A rede continua, até os nossos dias, seguindo o seu modo de operação. E o desenrolar histórico, levado a publicização por Assange com o Wikileaks e Snowden com o vazamento de informações da CIA, não escapa da destinação primeira da internet.

Se a internet, lida a partir da categoria chave do destino, como esboçamos em nosso texto, se revela como arma de guerra utilizada pelos poderosos, nós, os mais fracos, a tomamos até o presente momento como espaço de guerra. Guerra ao quê? Ao armazenamento de dados pessoais, como forma de proteção da privacidade e da liberdade, como categorias fundamentais do agir político humano na sociedade civil atual. Ora, sob esse perigo, o de perder o status político no mundo, o agir decisório sobre o poder¹¹, se faz necessário construir armas que mantenham essas categorias fundamentais. A construção de mecanismos de defesa contra a espionagem na rede é um dos debates tratados por Assange e seus amigos hackers em seu livro. Buscaremos demonstrar de que maneira essa pretensão se mostra válida para eles.

3. CYPHERPUNKS E O CHAMADO A LUTA CRIPTOGRÁFICA

Nos fins do século passado, surge na Europa um movimento intitulado *Cypherpunks*. Seu objetivo, é manter a privacidade e a liberdade no reino da internet. Sob a compreensão de que sem

¹¹ Pelo menos na perspectiva dos hackers denunciadores da internet como meio de controle. E neste ponto pode-se traçar um debate mais amplo que não nos propomos aqui, como o da necessidade da política ou mesmo de sua possibilidade frente ao poderio dos estados contemporâneos.

essas categorias, o conceito fundante do homem, a política, se perderia no reino recém criado do ciberespaço. Compreendem que estados e empresas detém o monopólio físico da internet, como tentamos demonstrar anteriormente, e que para reagir a esse estado de coisas, se faz necessário ferramentas que possam manter a integridade humana como espaço de ação onde o Estado e as empresas não possam intervir.

[...] nós fizemos uma descoberta. Nossa única esperança contra o domínio total. Uma esperança que, com coragem, discernimento e solidariedade, poderíamos usar para resistir. Uma estranha propriedade do universo físico no qual vivemos. O universo acredita na criptografia. É mais fácil criptografar informações do que descriptografá-las.¹²

O modo de proteção encontrado por esse movimento se chama criptografia¹³, modo de ocultar as mensagens para que elas não sejam interceptadas por terceiros. Este método, trata-se da codificação de dados para que um terceiro não o compreenda, mesmo que as intercepte. Assim, apenas o emissor e o receptor podem decodificá-la, protegendo a privacidade da mensagem sem riscos de espionagem. Criptografar os dados se torna uma das únicas armas que as pessoas dispõem para não terem sua vida acessada por um click. Mas como esse mecanismo funciona?

Na computação, a técnica usada são a de chaves, as chamadas "CHAVES CRIPTOGRAFICAS", Trata-se de um conjunto de bit's baseado em um algoritmo capaz de codificar e de decodificar informações. Se o receptor da mensagem usar uma chave diferente e incompatível com a do emissor ela não conseguira ter a informação.¹⁴

Funciona através da criação de chaves para codificação de dados que o emissor cria para o receptor, de forma a manter as informações apenas entre eles, caso assim deseje, fugindo, então, do monopólio dos governos e empresas que detém a parte física da internet constituída por cabos de fibra óptica, servidores, satélites e demais ferramentas de posse dos grandes líderes do capitalismo. Desta forma, quanto mais difícil for uma chave, mais complicado será desvendá-la e mais segura estará a informação que se deseja transmitir.

O modo criptográfico das mensagens permite transitar pela internet sem o risco de espionagem contínua, permitindo o espaço livre para exercer a categoria do político. O agir livre do homem no mundo. Apesar de ser um conceito simples, suas implicações são indispensáveis. Sua dificuldade parece centrar-se na técnica de como fazer. Formulando a questão, como popularizar ou massificar a criptografia de dados de forma que todos possam se eximir da vigilância dos Estados e grandes corporações? A resposta a essa pergunta se encontra nos desenvolvedores de softwares

¹² ASSANGE, Julian. Cypherpunks: liberdade e futuro da internet. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 27

¹³ O termo Criptografia surgiu da fusão das palavras gregas "Kryptós" e "gráphein", que significam "oculto" e "escrever", respectivamente.

¹⁴ Encontrado em << https://www.oficinadanet.com.br/artigo/443/o_que_e_criptografia >> acesso em 14/08/2017

livres, ou seja, na criação de programas criptográficos que nos permitam acessar seu código fonte¹⁵ de forma a identificar se o programa possui falhas propositais ou não, para que se possa criar dados criptografados seguros.

Para os cypherpunks essas são as alternativas viáveis para manutenção da liberdade na internet. Seu destino, entendido na categoria que esboçamos, é lido de maneira pessimista, ao contrário de leituras vitalistas como a de Pierre Lévy. A compreensão dessa determinação, enquanto arma de guerra usada contra tudo e todos para manutenção do estado vigente de coisas, necessita, dessa forma de contra-ataque, ou melhor, de defesa da população contra a espionagem. Sob esta perspectiva, a criptografia seria a única defesa das pessoas comuns. Não podemos compactuar com a leitura vitalista do momento, que ignora as bases determinantes da criação da internet e segue um fluxo superficial do fenômeno. Ao estado das coisas, a perspectiva otimista perante a internet em nossos dias torna-se um horizonte a se alcançar, o tão sonhado objetivo de transparência nas relações ciberespaciais políticas que a rede tão exageradamente esconde. Pois, o presente da internet anuncia o fim do político, é a este político que a transformação da rede persegue. Transformação que só se torna possível no ato de controle desta pelas populações do mundo. Privacidade para os fracos e transparência para os poderosos, é isto que a luta dos cypherpunks procura, essa procura deve seguir o mesmo curso na perspectiva de que o destino, enquanto desenrolar histórico factual mude em prol de um futuro livre no ciberespaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: Liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Quando o Google encontrou o Wikileaks*. São Paulo: Boitempo, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. *Uma cidadania reduzida a dados biométricos. Como a obsessão por segurando muda a democracia*. Disponível em: << <http://diplomatie.org.br/como-a-obsessao-por-seguranca-muda-a-democracia/> >> Acesso em catorze de agosto de 2017.

AFP/Agence France-Presse. (12 de Julho de 2013). *As principais revelações de Edward Snowden – Internacional – Estado de Minas*. Fonte: Estado de Minas: Disponível

¹⁵ "Código-fonte são as linhas de programação que formam um software em sua forma original. Inicialmente, um programador "escreve" o programa em uma certa linguagem —como C++ ou Visual Basic. Para executar esse soft, no entanto, o programador precisa converter as linhas de programação em linguagem de máquina, a única que o computador é capaz de entender. Quando você compra um programa, portanto, você compra a linguagem de máquina, e não o código-fonte. Alguns tipos de programa, no entanto, possuem código-fonte aberto. É o caso do Linux e dos sistemas operacionais chamados "de código aberto". Quando você compra o Linux ou faz seu download gratuito pela internet, além da linguagem de máquina, você também leva o código-fonte. Com o código-fonte de um programa em mãos, um programador de sistema pode alterar a forma como esse soft funciona, adicionar recursos, remover outros —enfim, adaptar o soft às suas necessidades." Disponível em << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u7618.shtml> >> Acesso em 14/08/2017

- em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/07/12/interna_internacional,421717/a-s-principais-revelacoes-de-edward-snowden.shtml>> Acesso em quinze de agosto de 2017.
- BORIN, B. (s.d.) *8 ferramentas para criptografar seus arquivos*. Fonte: Canaltech – Tecnologia pra quem entende: Disponível em: << <https://canaltech.com.br/seguranca/8-ferramentas-para-criptografar-seus-arquivos/>>> acesso em quinze de agosto de 2017.
- CANARIN, Patrícia. *O nascimento da internet começou na segunda guerra mundial*. Disponível em << <http://webinsider.com.br/2012/04/07/o-nascimento-da-internet-comecou-na-2a-guerra-mundial/>>> Acesso em catorze de agosto de 2017.
- Folha Online. (20 de Agosto de 2001). *Entenda o que é o código-fonte de um programa*. Fonte: Folha Online: Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u7618.shtml>>> Acesso em quinze de agosto de 2017.
- G1 – *Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA* – Notícia em mundo. (14 de fevereiro de 2014) Fonte: G1.com: Disponível em: << <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>> Acesso em quinze de agosto de 2017.
- HAYASHI, Eduardo Issao. *10 termos de uso do Facebook Messenger que vão deixar você boquiaberto*. Disponível em: << <https://www.tecmundo.com.br/facebook/60271-10-termos-uso-facebook-messenger-deixar-voce-boquiaberto.htm>>> Acesso em catorze de agosto de 2017.
- LEMONS, André. *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 3º ed., - 2007.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2º Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- SILVA, Leonardo Werner. *A internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos E.U.A.* Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>>> Acesso em catorze de agosto de 2017.
- Sua Pesquisa. (s.d.). *História da Internet*. Fonte: Sua Pesquisa – Portal de Pesquisas Temáticas: Disponível em: << <http://www.suapesquisa.com/internet/>>> Acesso em quinze de agosto de 2017.
- TOGNOLLI, Claudio Julio. *Governo dos Estados Unidos acusa FBI de usar ilegalmente lei do terrorismo*. Disponível em: << <http://www.conjur.com.br/2007-mar-12/eua-acusa-fbi-usar-ilegalmente-lei-terrorismo>>> Acesso em catorze de agosto de 2017.
- VAZ, Lima. *A metafísica na modernidade*; in *Escritos de Filosofia III: filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.